

VOL III

Ciências Humanas:

Estudos Para Uma Visão
Holística Da Sociedade



Silvia Inés Del Valle Navarro
Gustavo Adolfo Juarez
(Organizadores)

 EDITORA
ARTEMIS
2021

VOL III

Ciências Humanas:

Estudos Para Uma Visão
Holística Da Sociedade



Silvia Inés Del Valle Navarro
Gustavo Adolfo Juarez
(Organizadores)

 EDITORA
ARTEMIS
2021



O conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons Atribuição- Não-Comercial NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Direitos para esta edição cedidos à Editora Artemis pelos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comercial. A responsabilidade pelo conteúdo dos artigos e seus dados, em sua forma, correção e confiabilidade é exclusiva dos autores. A Editora Artemis, em seu compromisso de manter e aperfeiçoar a qualidade e confiabilidade dos trabalhos que publica, conduz a avaliação cega pelos pares de todos manuscritos publicados, com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

Editora Chefe	Prof. ^a Dr. ^a Antonella Carvalho de Oliveira
Editora Executiva	M. ^a Viviane Carvalho Mocellin
Direção de Arte	M. ^a Bruna Bejarano
Diagramação	Elisangela Abreu
Organizadoras	Prof. ^a Dr. ^a Sílvia Inés del Valle Navarro Prof. Dr. Gustavo Adolfo Juarez
Imagem da Capa	Artem Oleshko
Bibliotecário	Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Conselho Editorial

Prof.^a Dr.^a Ada Esther Portero Ricol, *Universidad Tecnológica de La Habana “José Antonio Echeverría”*, Cuba
Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, Universidade Federal de Uberlândia
Prof.^a Dr.^a Amanda Ramalho de Freitas Brito, Universidade Federal da Paraíba
Prof.^a Dr.^a Ana Clara Monteverde, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
Prof. Dr. Ángel Mujica Sánchez, *Universidad Nacional del Altiplano*, Peru
Prof.^a Dr.^a Angela Ester Mallmann Centenaro, Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof.^a Dr.^a Begoña Blandón González, *Universidad de Sevilla*, Espanha
Prof.^a Dr.^a Carmen Pimentel, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof.^a Dr.^a Catarina Castro, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.^a Dr.^a Cláudia Neves, Universidade Aberta de Portugal
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, Universidade Federal da Grande Dourados
Prof.^a Dr.^a Deuzimar Costa Serra, Universidade Estadual do Maranhão
Prof.^a Dr.^a Eduarda Maria Rocha Teles de Castro Coelho, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal
Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, Universidade de São Paulo
Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima
Prof.^a Dr.^a Elvira Laura Hernández Carballido, *Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo*, México
Prof.^a Dr.^a Emilas Darlene Carmen Lebus, *Universidad Nacional del Nordeste/ Universidad Tecnológica Nacional*, Argentina
Prof.^a Dr.^a Erla Mariela Morales Morgado, *Universidad de Salamanca*, Espanha
Prof. Dr. Ernesto Cristina, *Universidad de la República*, Uruguay
Prof. Dr. Ernesto Ramírez-Briones, *Universidad de Guadalajara*, México
Prof. Dr. Gabriel Díaz Cobos, *Universitat de Barcelona*, Espanha
Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, Universidade Federal do Triângulo Mineiro
Prof.^a Dr.^a Gladys Esther Leoz, *Universidad Nacional de San Luis*, Argentina
Prof.^a Dr.^a Glória Beatriz Álvarez, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
Prof. Dr. Gonçalo Poeta Fernandes, Instituto Politécnico da Guarda, Portugal
Prof. Dr. Gustavo Adolfo Juarez, *Universidad Nacional de Catamarca*, Argentina
Prof.^a Dr.^a Iara Lúcia Tescarollo Dias, Universidade São Francisco
Prof.^a Dr.^a Isabel del Rosario Chiyon Carrasco, *Universidad de Piura*, Peru
Prof.^a Dr.^a Isabel Yohena, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
Prof. Dr. Ivan Amaro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Iván Ramon Sánchez Soto, *Universidad del Bío-Bío*, Chile



Prof.ª Dr.ª Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas
 Prof. Me. Javier Antonio Albornoz, *University of Miami and Miami Dade College, USA*
 Prof. Dr. Jesús Montero Martínez, *Universidad de Castilla - La Mancha, Espanha*
 Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros
 Prof. Dr. Juan Carlos Mosquera Feijoo, *Universidad Politécnica de Madrid, Espanha*
 Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, *Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín, Colômbia*
 Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
 Prof. Dr. Leinig Antonio Perazolli, Universidade Estadual Paulista
 Prof.ª Dr.ª Livia do Carmo, Universidade Federal de Goiás
 Prof.ª Dr.ª Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo
 Prof. Dr. Manuel Ramiro Rodriguez, *Universidad Santiago de Compostela, Espanha*
 Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, Universidade Estadual Paulista
 Prof. Dr. Marcos Vinicius Meiado, Universidade Federal de Sergipe
 Prof.ª Dr.ª Margarida Márcia Fernandes Lima, Universidade Federal de Ouro Preto
 Prof.ª Dr.ª Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia
 Prof.ª Dr.ª Maria do Céu Caetano, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
 Prof.ª Dr.ª Maria do Socorro Saraiva Pinheiro, Universidade Federal do Maranhão
 Prof.ª Dr.ª Maria Lúcia Pato, Instituto Politécnico de Viseu, Portugal
 Prof.ª Dr.ª Maritza González Moreno, *Universidad Tecnológica de La Habana "José Antonio Echeverría", Cuba*
 Prof.ª Dr.ª Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras
 Prof.ª Dr.ª Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense
 Prof.ª Dr.ª Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras
 Prof.ª Dr.ª Paula Arcoverde Cavalcanti, Universidade do Estado da Bahia
 Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará
 Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares, Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Sergio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia
 Prof.ª Dr.ª Silvia Inés del Valle Navarro, *Universidad Nacional de Catamarca, Argentina*
 Prof.ª Dr.ª Teresa Cardoso, Universidade Aberta de Portugal
 Prof.ª Dr.ª Teresa Monteiro Seixas, Universidade do Porto, Portugal
 Prof. Dr. Turpo Gebera Osbaldo Washington, *Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa, Peru*
 Prof. Dr. Valter Machado da Fonseca, Universidade Federal de Viçosa
 Prof.ª Dr.ª Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande
 Prof.ª Dr.ª Vera Lúcia Vasilévski dos Santos Araújo, Universidade Tecnológica Federal do Paraná
 Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, *Corporación Universitaria Autónoma del Cauca, Colômbia*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C569 Ciências humanas [livro eletrônico] : estudos para uma visão holística da sociedade: vol III / Silvia Inés Del Valle Navarro, Gustavo Adolfo Juarez. – Curitiba, PR: Artemis, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-87396-39-2

DOI 10.37572/EdArt_290621392

1. Ciências humanas. 2. Humanidades. Desenvolvimento Sustentável. I. Del Valle Navarro, Silvia Inés. II. Juarez, Gustavo Adolfo.

CDD 300.7

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

APRESENTAÇÃO

AMBIENTE, DESARROLLO SUSTENTABLE, GERENCIAMIENTO

“Só quem pode surgir com o povo é o novo.

E o novo são as crianças.

Com elas, poderão vir as respostas que não encontramos” ...

“...Poxa, até que essa geração mais velha tem algo a oferecer”

Ubiratan D´Ambrosio

São Paulo, 8 de Diciembre de 1932 - 12 de Mayo de 2021

Este libro titulado **Ciências Humanas: Estudos para uma Visão Holística da Sociedade**, surge mientras transitamos un momento muy particular para nuestra especie humana, en donde se ve amenazada su existencia en forma global. Es por ello, que debe valorarse el esfuerzo de numerosos autores e investigadores que todavía sienten la necesidad y el deseo de entregar sus esfuerzos en la causa de la difusión de resultados de sus trabajos científicos.

Mientras esperamos soluciones, que resguarden al bienestar en la Salud y con ello en la recomposición de la Economía y Educación, por el retraso que esta situación pandémica produce, queda la esperanza de que el replanteo social en las estructuras de las sociedades nos lleven a valorar los resultados que hasta ahora nos ha permitido sobrevivir. Por lo tanto, en esta obra, donde el conjunto de capítulos reflejan la inherente participación en la diversidad de temáticas planteadas, que están agrupados trabajos considerados desde el perfil profesional de cada temática asumida por autores de diversos lugares del planeta.

En el Tercer Volumen, que tiene como eje temático **AMBIENTE, DESARROLLO SUSTENTABLE, GERENCIAMIENTO**, la temática del ambiente, a través de estudios locales en búsqueda de un mejor aprovechamiento de recursos, que aporten a desarrollar energías y mantener beneficios naturales, hacen que las propuestas sustentables sean tratadas desde enfoques académicos como desde el gerenciamiento. Así las políticas agrícolas, la planificación territorial, se presentan bajo estudios históricos y actuales.

Esperando que estos trabajos sean de gran aporte a los lectores, les deseamos una buena lectura.

SILVIA INÉS DEL VALLE NAVARRO

GUSTAVO ADOLFO JUAREZ

APRESENTAÇÃO

MEIO AMBIENTE, DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL, GESTÃO

*“Só quem pode surgir com o povo é o novo.
E o novo são as crianças.
Com elas, poderão vir as respostas que não encontramos”...*

“...Poxa, até que essa geração mais velha tem algo a oferecer”

Ubiratan D´Ambrosio
São Paulo, 8 de Diciembre de 1932 - 12 de Mayo de 2021

Este livro, intitulado **Ciências Humanas: Estudos para uma Visão Holística da Sociedade**, surge enquanto vivemos um momento muito particular para nossa espécie humana, onde sua existência está ameaçada globalmente. Por este motivo, deve ser valorizado o esforço de inúmeros autores e investigadores que ainda sentem a necessidade e o desejo de se empenharem na causa da divulgação dos resultados dos seus trabalhos científicos.

Enquanto esperamos por soluções que protejam o bem-estar na Saúde e com ela na recomposição da Economia e da Educação, pelo atraso que esta situação pandêmica produz, espera-se que o repensar social nas estruturas das sociedades nos leve valorizar os resultados que até agora nos permitiram sobreviver. Portanto, nesta coletânea, onde o conjunto de capítulos refletem a participação inerente à diversidade das questões levantadas, se agrupam obras consideradas a partir do perfil profissional de cada disciplina assumida por autores de diversas localidades do o planeta.

No Terceiro Volume, que tem como eixo temático MEIO AMBIENTE, DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL, GESTÃO, o tema do meio ambiente, por meio de estudos locais em busca de um melhor aproveitamento dos recursos, que contribuam para o desenvolvimento de energias e manutenção dos benefícios naturais, fazem propostas sustentáveis são tratadas a partir de diferentes abordagens acadêmicas e gestão. Assim, as políticas agrícolas, de planejamento territorial, são apresentadas sob a forma de estudos históricos e atuais.

Esperando que esses trabalhos sejam de grande contribuição para os leitores, desejamos uma boa leitura.

SILVIA INÉS DEL VALLE NAVARRO
GUSTAVO ADOLFO JUAREZ

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

TRANSFORMACIONES AGRARIAS Y NUEVOS PAISAJES RURALES EN EL MUNICIPIO DE YECLA (ESPAÑA)

[Francisco José Morales Yago](#)

DOI 10.37572/EdArt_2906213921

CAPÍTULO 2..... 18

EXTRACTIVISMO, FUERZAS PRODUCTIVAS Y REESTRUCTURACIÓN AGRARIA EN PARAGUAY

[Ramón Fogel](#)

DOI 10.37572/EdArt_2906213922

CAPÍTULO 3.....30

LA CUESTIÓN AGRARIA CUBANA ACIERTOS Y DESACIERTOS EN EL PERIODO DE 1975-2013: LA NECESIDAD DE UNA TERCERA REFORMA AGRARIA

[Tatiana Wonsik Recompensa Joseph](#)

[Lázaro Camilo Recompensa Joseph](#)

DOI 10.37572/EdArt_2906213923

CAPÍTULO 4 57

DE LA ENCOMIENDA A LOS CONDOMINIOS: CAMBIOS SOCIALES EN LA PROPIEDAD Y TENENCIA DE LA TIERRA DE LOS CRIADORES DE CAMÉLIDOS SUDAMERICANOS

[Eliseo Zeballos Zeballos](#)

[Paquita Lourdes Velásquez Alarcón](#)

DOI 10.37572/EdArt_2906213924

CAPÍTULO 5..... 78

UMA ANÁLISE SOBRE A INFLUÊNCIA DA DESCENTRALIZAÇÃO INSTITUCIONAL DAS POLÍTICAS RURAIS BRASILEIRAS PARA A INCLUSÃO SOCIOECONÔMICA DO PEQUENO PRODUTOR A PARTIR DA DÉCADA DE 1930

[Cristian Arnecke Schröder](#)

[Adrielli Santos de Santana](#)

[Carlos Eduardo Ribeiro Santos](#)

[Lessí Inês Farias Pinheiro](#)

DOI 10.37572/EdArt_2906213925

CAPÍTULO 6 90

WIRIKUTA Y XOCHICALCO: UN ANÁLISIS COMPARATIVO DE LA LUCHA DE LOS PUEBLOS INDÍGENAS POR EL PATRIMONIO BIOCULTURAL

Coral Giseth García Haj
Armando Sánchez Albarrán

DOI 10.37572/EdArt_2906213926

CAPÍTULO 7 104

LA ORDENACIÓN TERRITORIAL Y LAS FUENTES RENOVABLES DE ENERGÍA

María Rodríguez Gámez
Antonio Vázquez Pérez
Wilber Manuel Saltos Arauz
Guillermo Antonio Loor Castillo
Carlos Gustavo F. Villacreses Viteri

DOI 10.37572/EdArt_2906213927

CAPÍTULO 8 117

PLANIFICACIÓN ESTRATÉGICA TERRITORIAL EN RELACIÓN DEL PLAN ESTRATÉGICO DE ROSARIO, ANÁLISIS TEÓRICO Y METODOLÓGICO

Elián Gabriel Babini

DOI 10.37572/EdArt_2906213928

CAPÍTULO 9 138

A POLÍTICA DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL E A ANÁLISE DA DINÂMICA DO DISTRITO INDUSTRIAL DE NOSSA SENHORA DO SOCORRO/SERGIPE

Elmer Nascimento Matos
Daniela Mércia Santos
Wesley Santos

DOI 10.37572/EdArt_2906213929

CAPÍTULO 10 158

MAR DEL PLATA: TRANSFORMACIONES EN SU GEOGRAFÍA URBANA A INICIOS DEL SIGLO XXI: PLANIFICACIÓN ESTRATÉGICA, SEGURIDAD Y ESPACIO PÚBLICO

Alberto Roque Villavicencio

DOI 10.37572/EdArt_29062139210

CAPÍTULO 11..... 173

CORPO CAIÇARA E SUAS RAÍZES

[Bruno Tavares Magalhães Macedo](#)

DOI 10.37572/EdArt_29062139211

CAPÍTULO 12..... 189

PERSPECTIVA DE LA RELACIÓN TERRITORIAL Y DE LOS PROCESOS HISTÓRICOS.
¿QUÉ NOS NARRA LA EDUCACIÓN? LA VERDAD COMO ELEMENTO DE
LIBERACIÓN

[Yetko Alexander Sierra Maira](#)

[Ulises Mauricio Díaz Sánchez](#)

DOI 10.37572/EdArt_29062139212

CAPÍTULO 13..... 201

RIO SÃO FRANCISCO, AS ÁGUAS ENCANTADAS E O DESENCANTO COM A
TRANSPOSIÇÃO

[Loreley Gomes Garcia](#)

[Mayrinne Meira Wanderley](#)

DOI 10.37572/EdArt_29062139213

CAPÍTULO 14..... 217

ACTITUDES DE LOS ESTUDIANTES UNIVERSITARIOS HACIA EL MEDIO AMBIENTE.
UNA EXPERIENCIA INNOVADORA EN EL CAMPO DE LAS CIENCIAS AMBIENTALES

[Macarena Esteban Ibáñez](#)

[Luis Vicente Amador Muñoz](#)

[Francisco Mateos Claros](#)

DOI 10.37572/EdArt_29062139214

CAPÍTULO 15..... 228

LA GUERRA FRÍA ENTRE IRÁN Y ARABIA SAUDÍ Y LA RECONFIGURACIÓN DE
ORIENTE MEDIO

[Ignacio Álvarez-Ossorio](#)

DOI 10.37572/EdArt_29062139215

CAPÍTULO 16..... 241

LA MIRADA CONSERVADORA DEL FRENTE POPULAR DESDE PROVINCIAS: PUENTE ALTO 1938-1941

[Reinaldo Hernández Catalán](#)

DOI 10.37572/EdArt_29062139216

CAPÍTULO 17 251

TENDIENDO PUENTES ENTRE DATACIÓN Y ARQUEOLOGÍA

[Christopher Duarte](#)

[Roberto Bracco Boksar](#)

[Ofelia Gutiérrez](#)

[Daniel Panario](#)

DOI 10.37572/EdArt_29062139217

CAPÍTULO 18..... 260

WORK DESIGN NA PERSPECTIVA DE GESTORES E NÃO-GESTORES: CARACTERÍSTICAS DA TAREFA

[Silvana Regina Ampessan Marcon](#)

[Líliá Aparecida Kanan](#)

[João Ignacio Pires Lucas](#)

[Magda Macedo Madalozzo](#)

[Sabrina Goettert Britto](#)

DOI 10.37572/EdArt_29062139218

SOBRE OS ORGANIZADORES..... 282

ÍNDICE REMISSIVO 283

CAPÍTULO 13

RIO SÃO FRANCISCO, AS ÁGUAS ENCANTADAS E O DESENCANTO COM A TRANSPOSIÇÃO

Data de submissão: 01/04/2021

Data de aceite: 27/04/2021

Loreley Gomes Garcia

Pesquisadora CNPq
Santos-SP

<http://lattes.cnpq.br/6656688574683574>

Mayrinne Meira Wanderley

PPGS/UFPB

João Pessoa –PB

<http://lattes.cnpq.br/7637844795519555>

RESUMO: Neste capítulo, avaliamos o impacto causado pela obra da transposição do rio São Francisco sobre o ambiente e a cultura dos povos ribeirinhos. Os povos nômades coletores e caçadores, como os Cariri, já conheciam o vale do São Francisco há milhares de anos. Encontramos povos indígenas diretamente afetados pela construção dos eixos norte e leste do canal da transposição em seus territórios. Entrevistamos caciques e representantes do povo Truká, em Cabrobó, Pernambuco. A partir das narrativas, pudemos constatar que esse impacto não se resumiu às terras e águas, mas também ao modo de vida das pessoas e a cosmologia e representações que têm sobre a natureza e o mundo sobrenatural, ambos

em estreita conexão. Pretendemos contrapor a visão desenvolvimentista governamental com as alternativas apresentadas por ONGs, movimentos sociais e os moradores da área: indígenas, ribeirinhos, pescadores que rejeitaram a obra. Finalmente, desconstruímos as justificativas oficiais sobre a necessidade da obra e questionamos os motivos que levaram à essa opção, a despeito da resistência popular e das inviabilidades técnicas alegadas pelos executores.

PALAVRAS-CHAVE: Povo Truká. Rio São Francisco. Projeto de Transposição. Impacto ecológico. Violação de direitos.

SAO FRANCISCO RIVER, THE ENCHANTED WATERS AND DISENCHANTMENT WITH THE TRANSPOSITION

ABSTRACT: In this chapter, we evaluate the impact caused by the work of the transposition of the São Francisco River on the environment and the culture of the riverside peoples. The nomadic gatherers and hunting peoples, like the Cariri, had known the São Francisco valley for thousands of years. We met indigenous peoples directly affected by the construction of the north and east axes of the transposition channel in their territories. We interviewed chiefs and representatives of the Truká tribe, in Cabrobó, Pernambuco. From the narratives, we realize that the impact was not limited to the lands and waters, but also to the way of life of this

people, their cosmology and representations about nature and the supernatural world, both in close connection. We intend to oppose the governmental developmentalist view with the alternatives presented by NGOs, social movements, and the residents of the area: indigenous, riverside, fishermen who rejected the work. Finally, we deconstructed the official justifications about the necessity of the work and questioned the reasons that led to this option, despite popular resistance and the technical impossibilities alleged by the executors.

KEYWORDS: Truká tribe. Sao Francisco river. Transposition. Environmental impact. Rights.

1 INTRODUÇÃO

Frequentemente, na esteira da construção de barragens e obras similares, encontramos uma série de violações aos direitos humanos; elas incluem a destruição do ambiente onde vivem e sobrevivem populações atingidas, deslocamentos forçados, repressão a protestos e formas de escravidão (RIETHOF, 2016). Geralmente, são violados os direitos das populações mais vulneráveis, entre as quais estão as populações tradicionais.

Surgido no final da década de 1970, e muito atuante nas décadas seguintes, o “Movimento dos Atingidos por Barragens” (MAB), é expressão da resistência e luta popular contra as grandes obras e defesa dos atingidos por projetos que trazem em seu bojo violações dos direitos humanos e degradação ambiental. Frequentemente, no rastro dos grandes projetos existem conflitos e resistência por parte das populações locais, ambientalistas ou indígenas (REIS, 2007; SCHERER WARREN, 1989; SIGAUD, 1992; BAINES 2017, 2004).

Segundo Riethof (2016), o significado econômico, político e simbólico dos recursos naturais na América Latina, conduz a questão ambiental para a esfera da disputa política, gerando protestos contra a forma com que os governos exploram os recursos naturais, ignorando custos ambientais e direitos dos que se opõem à devastação.

A autora destaca a extrema contradição da política externa brasileira quando, de um lado, tinha pretensões de ocupar a liderança global da sustentabilidade ambiental enquanto, no nível interno, produziu obras altamente predatórias como a usina hidroelétrica de Belo Monte, que só foi viabilizada a partir da insuficiência de estudos e um processo decisório antidemocrático que violou os direitos fundamentais dos que foram atingidos.

Belo Monte, um símbolo do descaso com o patrimônio natural e os direitos humanos, tornou-se um emblema internacional do movimento anti-barragens. Em 2007, os atingidos, tentando pressionar o governo, apelaram para dispositivos internacionais dos direitos humanos, como a Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho, que assegura os direitos territoriais indígenas, e a Declaração dos Direitos Indígenas.

Nesse embate entre as comunidades locais, ambientalistas, povos indígenas e o governo brasileiro, a posição desse último está expressa no discurso do ex-presidente Lula da Silva durante a inauguração de uma usina de biodiesel, no Mato Grosso, em novembro de 2006. Ao destacar a necessidade do crescimento e desenvolvimento, ele afirmou que era preciso derrubar os “entraves que eu tenho com o meio ambiente, todos os entraves com o Ministério Público, todos os entraves com a questão dos quilombolas, com a questão dos índios brasileiros, todos os entraves que a gente tem no Tribunal de Contas [...]”. Ou seja, indígenas e ambientalistas e leis de proteção ambiental seriam entraves ao modelo predatório de desenvolvimento.

Para o dano irreversível causado na natureza, o governo sugere adoção de projetos de mitigação incapazes de recuperar as perdas ambientais. Para as comunidades removidas, ou que têm o modo de ser e viver inviabilizados pelas obras desenvolvimentistas, oferecem programas sociais e benfeitorias que nunca compensam as perdas sofridas.

Esses mesmos elementos, a violação da natureza e dos direitos humanos, estão presentes no caso da transposição do Rio São Francisco que aqui descrevemos.

2 A CENA DO CRIME

“O São Francisco é um milagre da natureza, pois “corre ao contrário”: ao invés de seguir para Sudeste, Oeste ou Sul, como os outros rios da região, ruma para o Nordeste, devido a uma falha geológica chamada “depressão sanfranciscana”. Sua importância histórica é ímpar, pois serviu de caminho para o interior do país e de ligação entre o Sudeste e o Nordeste. Pra aí trouxe água, fertilidade, gente, trabalho, alimento, energia, beleza, cultura, história ...foi tido como “rio da unidade nacional” (LISBOA, 2017).

De acordo com Heringer Lisboa (2017, p.12), aquilo que se entende por progresso, no rio São Francisco, chegou sob a forma da monocultura da cana e das usinas de açúcar, pastos de capim nas fazendas de gado, árvores de eucalipto que substituíram a vegetação nativa e o plantio de frutas para exportação. Mas a água se foi, aquíferos minguam enquanto inúmeras barragens e poços acumulam-se nas grandes propriedades. As atividades agrícolas concentram-se em projetos de irrigação para o agronegócio para exportação.

Este rio padece de degradação há 520 anos e, ela está cada vez mais acelerada. O desmatamento e o fogo reduziram drasticamente a biodiversidade da bacia franciscana, secando lagoas e veredas. Os agrotóxicos infestam as plantações, escorrem para o rio já contaminado pelo esgoto doméstico e industrial. As mineradoras escavam leitos e morros à procura de minérios, destruindo a paisagem, a natureza e vidas em grande escala, como aconteceu nas tragédias de Brumadinho (2019) e Mariana (2015).

A partir de meados do século XX, foram construídas hidroelétricas que mudaram a dinâmica dos rios, com isso, desaparecem as cheias que inundavam as lagoas marginais. As mudanças ambientais trouxeram a perda das formas tradicionais de sobrevivência dos ribeirinhos, baseadas na agricultura de vazante e na pesca.

O rio São Francisco é o 3º maior rio do país, ao seu redor vivem 14 milhões de pessoas, povos e comunidades tradicionais. A transposição atingiu nove povos indígenas: Truká, Tumbalalá, Pipipã, Kambiwá, Pankararu, Tuxá, Kariri-Xocó, Xocó e Anacé. São eles que denunciam o imenso passivo socioambiental, gerado por 7 hidrelétricas e 30 barramentos construídos no rio, jamais compensado pelos governos que se sucederam. A obra da transposição teve lugar num cenário de extrema pobreza, ausência de saneamento, falta de água tratada e energia, carência alimentar, assistência à saúde precária e perdas ambientais inestimáveis resultantes das intervenções anteriores.

O relatório *Transposição: Águas da Ilusão* (2007), elaborado pelo movimento Caravana contra a transposição, informa que Celso Furtado, um profundo conhecedor do Nordeste e dos problemas da seca, era contra a transposição do São Francisco por temer os riscos de salinização do solo nas áreas irrigadas.

O governo Lula da Silva (2003/10) optou pelo investimento estatal em projetos de desenvolvimento, grandes obras que não priorizavam tecnologias inovadoras e desconsideraram, entre os passivos, as demandas ecológicas e as minorias.

O Estado coordenou as principais decisões de investimento por meio de estímulos e subsídios, fazendo uso dos recursos do Banco Nacional de Desenvolvimento (BNDES) para fortalecer este projeto político. Para enfrentar a crise internacional de 2008, houve um direcionamento dos bancos públicos para liberação de empréstimos para empresas de determinados setores, notadamente, as grandes empreiteiras, prevalecendo a figura do Estado Interventor.

O governo traçou um Plano de Aceleração do Crescimento (PAC) para garantir o crescimento econômico patrocinado pelo Estado. A maior obra do PAC foi a Transposição do Rio São Francisco (PISF), são 720 quilômetros de canais de concreto armado nos dois eixos principais do projeto. A água é captada em Pernambuco, em Cabrobó, no Eixo Norte e em Itaparica, no Eixo Leste. O relevo da região é cheio de desníveis e exige que as águas sejam continuamente bombeadas para superá-los, o que produz um elevado gasto energético.

Desviar parte do rio e manter essa estrutura em funcionamento é altamente dispendioso. Os que se opuseram à obra, afirmavam que seria uma “Transamazônica hídrica” ou, um novo e inútil desastre ambiental. Ao lado dos custos financeiros da empreitada, questionavam a validade do investimento, porque a previsão era que mais

de 70% das águas transpostas seriam destinadas à irrigação de grandes plantações e carcinicultura, não priorizavam o consumo humano ou animal.

Ao ser implantado em um rio já bastante degradado, o PISF contribuiu para a diminuição da vazão das águas, sobretudo na foz, provocando o avanço do mar sobre o rio.

O espectro do desastre acompanhou a construção desde o início, em 2007, utilizando mão de obra do Exército, estimada para terminar em 2011. Após inúmeros contratemplos na execução, 6 anos após o previsto, em março de 2017, a obra foi inaugurada duplamente, por Michel Temer, em cerimônia oficial na cidade de Monteiro (PB) e, nove dias depois, dando sequência a pantomina, Lula e Dilma promoveram uma “inauguração popular”, na mesma cidade.

Se a paternidade da obra foi disputada, a responsabilidade sobre os desastros, não foi. A obra foi inaugurada incompleta, custou mais de 100% do orçamento estimado em 2007, cerca de 5 bilhões de reais, sendo o valor final de 12 bilhões de reais. A Controladoria-Geral da União detectou, em apenas um contrato do Eixo Leste, superfaturamento e sobrepreço da ordem de 35,7 milhões de reais.

Além de indícios de corrupção, após três anos de construção, os canais já apresentam sérios problemas estruturais como fissuras e rachaduras no revestimento de concreto, ausência da estrutura de drenagem, assoreamento em trechos do curso d'água; paredes quebradas ou comprometidas pela erosão; canaletas cobertas por terra e pedregulhos.

O que explica tanta incompetência e desperdício? Como toda obra realizada com fins eleitoreiros, os prazos fixados para conclusão têm que coincidir com as eleições. O trabalho foi apressado para que a água corresse pelos canais na inauguração, desconsiderando serviços auxiliares de drenagem, proteção de taludes e instalação de comportas.

O Ministério do Desenvolvimento Regional justificava que o Eixo Leste estaria em fase de “pré-operação” após dois anos de inauguração. Até o ano de 2020, o projeto permanecia inacabado, com eficácia duvidosa e vantagens desconhecidas já que seu funcionamento não aconteceu conforme o planejado. Nenhuma das soluções previstas e prometidas aconteceu, o PISF corre o risco de tornar-se um elefante branco do sertão, uma ‘aventura’ que tragou 12 bilhões de reais.

Se as vantagens ainda não apareceram, as desvantagens estão visíveis nos inúmeros impactos negativos que a obra provocou no ecossistema e para os atingidos. A começar pelo desmatamento que deixou o solo da caatinga desprotegido provocando assoreamento dos rios, uma vez que, sem a vegetação, os sedimentos do solo são carregados para os canais, rios e açudes comprometendo a capacidade de preservação da água limpa.

A construção dos canais suprimiu as áreas naturais de uso animal prejudicando a fauna. Ao mesmo tempo, a transposição difundiu espécies invasoras aquáticas e terrestres em áreas onde não existiam. A interação interespecies pode ter consequências imprevisíveis para a biodiversidade da caatinga, pois uma espécie invasora pode ocupar o espaço das espécies existentes.

Os impactos ambientais somam-se àqueles que afetam as populações ribeirinhas, os modos de vida e produção tradicionais que não conseguem manter. Na região, muitos deslocamentos foram registrados por impacto direto ou indireto da obra da transposição. À época da construção, o Banco Mundial classificou o modelo economicista adotado pelo país como insustentável, apesar de ter garantido alguma inclusão social. O banco recusou-se a financiar o PISF porque o “projeto tem uma orientação comercial” e a “experiência internacional sugere que a ligação com os pobres pode estar fraca” (AZEVEDO et. al., 2005).

O crescimento econômico, ao aumentar a riqueza de uma nação, aumenta seu potencial para reduzir a pobreza e resolver problemas sociais. Contudo, a história oferece inúmeros exemplos nos quais o crescimento nem sempre resulta em melhorias para o desenvolvimento humano. Ao contrário, quando se atinge o crescimento às custas da falta de equidade, alto desemprego, democracia frágil, perda de identidade cultural e superexploração dos recursos naturais, o resultado é a piora da vida da população, sobretudo, aquelas que preservam modos de vida tradicionais.

O desenvolvimento não deve ser medido em termos econômicos desconsiderando mudanças nas estruturas familiares, atitudes e mentalidades, mudança cultural, demografia, mudanças políticas, transformação da sociedade rural e processos de urbanização.

Além disso, o bioma caatinga é único no planeta. A caatinga, ou “mata branca” muda rapidamente quando caem algumas gotas de chuvas, galhos secos se enchem de folhas verdes e florescem. Contudo, esta capacidade de resiliência está diminuindo e atemorizando pesquisadores que percebem o risco da desertificação da caatinga causado pela degradação ambiental. O que impede que o Nordeste seja um imenso deserto é, justamente, a vegetação da caatinga altamente adaptada. O sertanejo conhece a função e utilidade de cada espécie, os pesquisadores também. Quem ignora são os sucessivos governos, incapazes de realizar políticas efetivas para garantir a distribuição e o aproveitamento da água existente, criar alternativas inovadoras para seu aproveitamento e educar as populações para fazer um uso sustentável.

No semiárido, sempre houve grande concentração de terra, água e recursos nas mãos de uma minoria, o que produz uma imensa desigualdade social.

O relatório Águas da Ilusão demonstra que a transposição não resolve os impactos causados pela seca, porque a seca deve ser manejada levando em consideração as

particularidades de cada lugar: onde é necessário um açude, onde uma cisterna resolve, onde se pode furar um poço ou captar água de um rio próximo através de canais.

Na região semiárida, as chuvas são mal distribuídas ao longo do ano, mas alcançam até 800 mm/ano e poderiam ser sabiamente manejadas se a opção política, realmente, fosse 'matar a sede' dos atingidos.

O desafio é mudar o prisma pelo qual observa-se o semiárido. A transposição promove o mesmo modelo ineficaz e insustentável de desenvolvimento promovido na região ao longo das décadas, marcado por interesses idênticos aos que alimentaram a indústria da seca. Projetos como o PISF, não diminuem a concentração, ao contrário, garantem águas para o agronegócio e comprometem a pesca e agricultura da qual sobrevivem as populações ribeirinhas. Perpetuam a desigualdade.

3 OS PERSONAGENS PRINCIPAIS

Desde o início da colonização, o sertão foi alvo de interesse dos empreendimentos de ocupação dos portugueses. Do litoral ao sertão, os colonizadores escravizaram os povos, exploraram a mão de obra, exterminaram etnias inteiras ou eliminaram sua identidade indígena ao confiná-los em aldeamentos católicos.

As etnias que ocupavam a região, entre eles os Truká, foram submetidas e, os descendentes que restaram, somente no século XX, começaram a luta pelo resgate das identidades e das terras.

Segundo Batista (2005), o aldeamento Assunção, provavelmente, se formou por volta de 1722, na ilha de Pambu, a partir de ordens missionárias, sendo elevado à categoria de vila, em 1761. A ilha era habitada por famílias indígenas que vivam da pesca, caça e agricultura (CASAL, 1817 apud BATISTA, 2005). Com a decadência do comércio de gado na região, diminuiu o interesse e a pressão colonizadora sobre os habitantes, possibilitando um período de maior autonomia nas aldeias.

Os decretos pombalinos de 1755, que pretendiam integrar os índios à sociedade brasileira, permitindo o casamento entre índios e não índios e a administração das terras por eles mesmos, culminaram com a extinção das ordens missionários no Brasil (OPIT, 2007 e Batista, 2005).

O período que compreende o Império, foi marcado por conflitos de terra entre índios e não índios, o Estado atuava como mediador, sempre em desfavor dos direitos dos primeiros (OPIT, 2007).

O século XX foi atravessado por diversas interferências sobre a posse e uso das terras. Em 1967, foi criada a Fundação Nacional de Assistência ao Índio (FUNAI), em

substituição ao Serviço de Proteção ao Índio (SPI). A FUNAI, até 1987, atuou na área de forma esporádica e pouco ordenada, gerando conflitos na redistribuição de terras na ilha. Para a Organização dos Professores Indígenas Truká (OPIT), a Funai tentou interferir “impondo uma cultura de hierarquia, se sobrepondo à forma de organização social do povo” (OPIT, 2007, p.30).

A ideia de organização imposta pela FUNAI não seguia a mesma lógica de organização social que tinha nosso povo, uma vez que nossos líderes eram escolhidos pela Natureza, obedecendo às seguintes orientações: ser de famílias tradicionais; ser participativo do Toré e no Particular; ser referendado pelos Encantos. (OPIT, 2007, p.31).

Em meio aos conflitos pela terra, interferências do Estado e políticas de desenvolvimento e proteção/submissão dos povos indígenas, os Truká desenvolveram uma história de luta, resistência e negociações.

Acilon Ciriaco foi a liderança mais importante no recente processo de luta pela terra e reconhecimento identitário do povo. Com graves problemas de saúde física e mental, submeteu-se a um trabalho das mulheres Tuxá, feito no Particular e no Toré. Durante esses trabalhos recebeu a revelação que sua cura viria quando cumprisse a missão de “descobrir a aldeia”. Entre as décadas de 1930 e 1940, Ciriaco trabalhou intensamente com o Particular e o Toré, a partir da revelação dos Encantados que ensinaram sobre o povo Truká e sua “ciência”. As revelações dos Encantos (espíritos ancestrais), através do Toré e de sonhos, permitiram que Acilon e seus companheiros iniciassem uma nova fase de luta pela reconquista das terras da Ilha de Assunção. Mas a posse definitiva foi conquistada na década de 1990 e, a posse da ilha integral, em 2002, após diversas ações de Retomadas, ocupações de porções de terras, originalmente pertencentes ao povo, com objetivo de pressionar a legalização a seu favor. As Retomadas são instrumentos de reivindicação da terra e afirmação da identidade étnica. Entre os anos de 1981 e 2007, foram realizadas cinco Retomadas. A última, em 2007, diz respeito à transposição do Rio São Francisco, momento no qual se posicionam contra a imposição do governo realizar a obra.

Os Truká são cerca de 4.000 mil índios distribuídos em 25 aldeias. Percebe-se diferenças no grupo, divergências, conflitos e diversidade. Entre os jovens, uns expressam desejo de ter uma profissão, alguns vivem na cidade de Cabrobó e fazem faculdade em Salgueiro; outros querem ficar na roça ou trabalhar com carteira assinada. Há os que desejam ganhar o mundo, outros pretendem permanecer na ilha, casar e criar uma família. Uns são católicos, outros ligados aos rituais com os Encantados. Há os engajados politicamente nos movimentos sociais, outros ocupam-se com o trabalho da roça ou construções. A partir dessas diversidades podemos perceber a complexidade da sociedade Truká, entre o moderno e o tradicional, a conservação e as mudanças.

Convivem com o mundo urbano, não apartado do rural, mas conectado por redes de informação que impactam os estilos de vida e promovem mudanças culturais, demonstram valorizar e resgatar os valores culturais tradicionais. Observa-se que há uma seletividade sobre quais valores e práticas seriam resgatadas, sem abdicar das conquistas adquiridas pela modernidade. Os Truká fazem uso da medicina tradicional, mas mantêm postos de saúde nas aldeias e um hospital exclusivo para população indígena, em Cabrobó. A complexidade das relações sociais, econômicas e de gênero, presentes na sociedade indígena, é parte de um processo de afirmação identitária e de luta por direitos no âmbito de uma sociedade envolvente que, muitas vezes, se opõe aos interesses dos povos tradicionais.

4 A TRANSPOSIÇÃO NA VOZ DO POVO TRUKÁ

Para os Truká, o Velho Chico é o Opará, o rio-mar que representa a vida e a ancestralidade. A sua importância faz com que aumentem as expectativas sobre o futuro do rio após a transposição. Fica claro que os impactos decorrentes da obra foram e são imensos:

[...] Eles dizem “não, não vai ter impacto”, mas uma pedra que a gente tira dum local já modificou a natureza. E, para nós, o que mais dói mesmo é saber que, além de destruir a natureza, os pobres não vão ser beneficiados com essa água, que é o pior. [...] na época em que o exército veio, o número de prostituição, segundo a secretaria de Saúde, e de doenças sexualmente transmissíveis aumentaram bastante, porque veio gente de todo país trabalhar. E a questão da droga também aumentou bastante. Nossos jovens que iam trabalhar nessa transposição conheciam pessoas que eram usuárias e começam a experimentar. E tudo isso por causa da transposição, indiretamente por causa da transposição (Cacique Bertinho).

O Cacique Neguinho, relata as expectativas e o que, de fato, aconteceu:

A perspectiva que se tem é nenhuma, porque todo, quase 90% de quem era pequeno agricultor que foi pra transposição não tem condições de voltar pro campo. Não teve incentivo nenhum para a agricultura familiar aqui. As pessoas que estavam na faixa do canal achavam que receberiam indenizações milionárias estão decepcionadas... Todas as terras que cortam o canal, aqui em Cabrobó, são terras indígenas, ninguém tem título da terra. Então, o governo passou com a faixa do canal e o cara que tinha uma propriedade foi lá receber a indenização, mas só pra regularização gastou mais do que ganhou... pegaram essas pessoas pras vilas produtivas que fizeram, o povo confinado, abastecido de carro pipa, a maioria das casas dessas vilas produtivas estão abandonadas. (Cacique Neguinho).

Segundo Ana Maria, professora da OPIT, a obra é um ponto sem retorno:

Quase não se fala mais em transposição. Hoje eu vejo que é um trabalho em vão, porque a gente lutou, reivindicou e nada foi feito. Eles prometeram revitalizar o rio, até hoje nada! Só cavando caatinga adentro, degradando. Nada de bom para a cidade, para a comunidade, para o povo (Ana Maria).

Até o ano de 2014, nem as políticas mitigadoras pareciam arrefecer a descrença na obra, com se nota no depoimento da professora Cláudia Truká, da OPIT:

Quando começa a obra da transposição, Ciro Gomes era ministro do Ministério da Integração, veio a nosso povo, professores, comunidades, lideranças, lá naqueles galpões porque ele veio inaugurar a pista e algumas casas que nós ganhamos. Neginho disse pra ele, claramente, que era a voz do povo, que o asfalto e as casas não, de forma nenhuma, nos compraria, nós éramos contra a transposição e íamos fazer o que fosse preciso para que ela não acontecesse, para recuperar nosso território, então, ele não pensasse que isso seria a troca, que não seria moeda de troca... (Cláudia Truká)

A opinião dos jovens sobre o projeto de transposição é fundamental para compreender os impactos sentidos e as reações, para perceber como o povo Truká tenta reconstruir sua cultura e articula sua luta política num cenário de ameaça ao meio ambiente.

Maurílio é um jovem professor e líder do grupo de teatro. Engajado no movimento indígena, participa da Organização dos Jovens Indígenas Truká (OJIT). Iniciou-se na luta durante a última Retomada contra a obra, ocorrida nas margens do rio. Com formação intelectual, política, religiosa e vocação retórica, tece um discurso sobre a relação entre transposição das águas e cosmologia Truká.

Então, para nós isso é um grande impacto quando se fala nos Encantos de Luz. Porque é muito fácil a gente sair do nosso povo e alguém dizer: Vocês agora vão ter que sair de Assunção, vão ter que ir para outro lugar. E o que faz a gente permanecer na luta, acreditar na nossa própria luta. Podem tirar, podemos sair daqui para outro lugar, mas, o Encanto não se muda, ele permanece no território [...] Então, se a gente perde a água com a transposição, essa água que chamamos de rio pequeno, perderemos o Encanto. Ele vai procurar, ele deixa de existir. Porque, para gente, o Encanto é aquilo que a gente vive. Aquilo que para gente dá resultado de bom. As águas. As águas do Velho Chico são encantadas para gente, tem um poder. Então, por lá eu não serei índio. Que ligação terei com a sabedoria da minha terra, do meu povo? Qual a sabedoria terei dos meus antepassados? (Maurílio).

A economia e a subsistência do povo que vive na ilha dependem das águas do rio de modo absoluto. Não existe nenhuma outra fonte de água e toda a agricultura e pecuária usam a água do rio através de bombeamento. As plantações de arroz, cebola, bananas, maracujá são irrigadas pelas águas do rio. As criações de bodes, carneiros, bovinos, patos, porcos e galinhas dependem da mesma água.

Das narrativas sobre o destino dos Encantos de Luz uma lógica emerge: há uma simbiose entre povo Truká, Encantos de Luz e águas do rio. A perda das águas significa a perda dos Encantos, a perda de si mesmo, do mundo como conhecem. Em termos das necessidades materiais, a água é de extrema importância para eles. Sem a água do rio, ou com sua diminuição, todo o sistema produtivo da ilha entraria em colapso.

As mudanças no ambiente vêm acompanhadas de mudanças culturais, hábitos e costumes, outras relações entre novos e velhos, homens e mulheres, o tradicional e o moderno se confrontam e negociam, refazem a cultura, dinamizam valores, ethos e visão de mundo. Natureza e cultura não se opõem, se inter-relacionam, se interpenetram e se modificam. Economia e religião não se formam como estruturas estanques e diferenciadas, se inter cruzam e se influenciam.

Para o cacique Bertinho, a preocupação maior é com uma mudança cultural que atrapalha o tradicional culto dos ancestrais e dos Encantos de Luz. Bertinho comanda rituais de Toré e Mesa, sua capacidade de trabalho espiritual e conhecimento fazem dele um líder religioso que atrai muita gente da aldeia para os rituais. Quando jovem foi também um dos fundadores da Organização de Jovens Indígenas Truká (OJIT).

E o que me chama mais atenção, nos dias de hoje das coisas modificadas, é outras religiões entrando e nosso povo deixando de cultuar a natureza, de dar valor às coisas da terra, das coisas que nós fomos criados [...] chegar no pé de uma Jurema e ter a humildade de pedir licença àquela árvore para extrair a planta, para fazer um remédio, hoje em dia está se perdendo isso. Nós chegarmos na beira do rio e nós pedirmos licença à Mãe D'água, que é o Encanto das águas, para entrar no rio, para pescar, são coisas que estão se perdendo aí, devagarzinho. (Bertinho).

5 A COSMOLOGIA AMEAÇADA E A ESCATOLOGIA APOCALÍPTICA TRUKÁ

Durante a pesquisa, observamos momentos cotidianos, festivos e rituais de forma participativa e dialógica, ouvindo histórias, percorrendo aldeias, conversando com lideranças e anciãos. Nas conversas, percebemos um esforço em afirmar dois preceitos fundamentais: a luta política no movimento indígena e movimentos sociais afins, e uma religiosidade baseada nos rituais do Toré e da Mesa.

A religião tradicional Truká é bastante complexa, dinâmica e diversificada. São devotos de santos católicos e seres da natureza, celebram festas e praticam rituais como: Festa de Nossa Senhora de Assunção, Festa de São Gonçalo, Penitentes, Semana Santa, Festa de Cosme e Damião, Toré e Mesa. Ultimamente, alguns índios se converteram ao neopentecostalismo, que não é bem-aceito na ilha. As diversas tradições religiosas convivem com conflitos e confluências formando um mosaico complexo. A interinfluência do catolicismo e do culto à Jurema Sagrada, praticado tanto no Toré quanto na Mesa, parece ser o evento mais estruturado e generalizado em toda ilha.

Segundo a crença dos Truká, Deus teria passado para o Velho Cá, um caboclo ancestral do povo Truká, a sabedoria da Jurema Sagrada que consistiria no preparo do vinho, a partir da casca da jurema preta sem espinhos, o anujá, e a forma de ministrá-lo

dentro dos rituais do Toré e Mesa. Embora confluentes, esses rituais são diferentes porque o Toré é realizado publicamente e tem uma conotação identitária e política mais veemente. Em 2014, rodas de Toré foram realizadas nos protestos contra a PEC 215, que trata da demarcação das terras indígenas, durante a ocupação das estradas BR 116 e BR 316. A Mesa, também conhecida como o Particular (BATISTA, 2005), é um ritual fechado para poucas pessoas realizado na casa de quem solicita por algum motivo, como doença ou mal espiritual, ou dos próprios oficiantes.

Ambos os rituais evocam entidades católicas e os Encantos de Luz. Os Encantos têm forte correspondência com elementos da natureza, muitos deles viveram na terra como índios no passado e são antepassados dos atuais Truká.

Para cada Mestre ou Encanto correspondem cantos (linhas), que funcionam para invocação das forças que se fazem presente na Mesa e no Toré. Em suas participações, aconselham e promovem a cura de certos males, os rituais de aflição são fundamentais na resolução de conflitos e doenças.

Sobre a permanência dos Encantos com a transposição, Bertinho explica:

Todo mundo fica triste com a perda das águas. Fica triste com a devastação que o povo está fazendo, com os poluentes que estão sendo lançados no rio, ficam revoltados e a própria natureza se revolta contra a humanidade, muitas catástrofes, muitas águas aí do mar subindo e devastando as cidades, é o próprio Encanto das Águas, a força da natureza que está trazendo o troco para os homens que estão fazendo isso com as águas, com a natureza, desmatando tudo. Jogando o lixo de cidade, esgoto, tudo dentro d'água, está matando a própria vida dele, porque sem a água o ser humano não consegue sobreviver. Daqui a alguns anos, quando procurar uma água potável para beber, as águas vão estar tudo poluída. Aí vai ser quando eles vão abrir os olhos, mas vai ser tarde demais (Cacique Bertinho).

Entre as várias interpretações com respeito aos impactos causados pelos projetos do governo e das empreiteiras, a dos Truká é clara e está motivada pela cosmologia tradicional.

Como pensam sobre a ecologia, as relações entre os humanos e a natureza do ponto de vista dessas crenças religiosas? Não se trata apenas de entender como os índios pensam a destruição das florestas, rios, cerrado, caatinga, mas de pensar na relação entre homem e ambiente da perspectiva deles.

Dizem que, se as águas forem embora com a transposição, os Encantos das águas também irão. Se assim o for, o que será dos Truká que vivem sob sua proteção? O que será dos Truká, ribeirinhos, pescadores, quilombolas, agricultores, populações inteiras que habitam as cidades ao longo do Rio São Francisco e que não têm outra fonte de água para sobreviver?

A forma como a cosmologia Truká percebe a transposição, permite observar, de forma reversa, as diferentes interpretações acerca do processo de morte do rio dos especialistas, cientistas e técnicos. Embora pareça óbvio, pela perspectiva do saber técnico, na perspectiva do saber mágico, tradicional, dos índios Truká, a insatisfação dos seres das águas, dos Encantos de Luz, pode provocar desastres ecológicos em lugares diferentes, pelo fato de responderem à lógica holística, segundo a qual, tudo está interligado em um ciclo de influências que se interconectam. Se os Encantos de Luz aparecem no discurso de Bertinho como sinônimos de natureza, ou forças da natureza, se os Encantos das Águas aparecem como seres que comandam de forma inteligente a força e a energia das águas, a natureza é um ser vivo que sofre com as ações humanas e reage a estas ações provocando um desequilíbrio que ameaça a própria vida humana no planeta. Nesse caso, pela lógica da cosmologia Truká, a força das águas não está correndo somente rio abaixo, mas, rio acima também. Ao abrir um canal para levar as águas do rio, isso vai afetar outras águas em outros lugares, ou seja, sua visão holística ajuda a compreender melhor que uma nascente que seca é consequência de uma devastação em outro lugar muito além dela.

O projeto está em curso, não para revitalizar o rio, mas para provocar uma séria disputa pelo que restará dele em alguns anos. Uma coisa está ligada à outra na cosmologia ameríndia. É preciso enxergar que o problema é planetário, e que projetos como o da transposição contribuem para a morte do rio São Francisco.

As previsões de morte do rio e de grandes processos migratórios decorrentes levam a pensar sobre as previsões escatológicas de Bertinho, a sua lógica, alterar o curso das águas do rio é colocar em curso forças muito maiores do que o homem branco imagina. Os resultados são mais complexos e podem ser de dimensões catastróficas de fato.

O rio São Francisco é fundamental para a subsistência dos povos indígenas, o Opará é herança deixada pelos antepassados. Entre os impactos causados pelas mudanças, está a desfiguração da “dimensão cosmológica” dos indígenas, dos costumes associados ao rio, alterados na medida que modifica um espaço que integra culturas e visões de mundo dos habitantes dos territórios banhados por suas águas.

As lideranças, a escola indígena e o teatro são formas organizadas de manter viva a memória dessas lutas e discutir a transposição. São bases para organização das lutas e construção de narrativas da conquista dos direitos.

Para além de resistências que encaram, os Truká associam-se a outros grupos, indígenas ou não, na luta contra a transposição e pela revitalização do rio. Com o passar dos anos e o silêncio da mídia, é possível saber muito pouco sobre as novas arremetidas dos Truká contra as injustiças que vão se acumulando nos tempos recentes.

6 CONCLUSÃO: O QUE RESTARÁ DO RIO, DA TRIBO E ENCANTOS?

Neste texto, perscrutamos o projeto da transposição e as posições contra sua realização, embasadas em diferentes visões de vida e de mundo natural e sobrenatural. Apresentamos a assimetria de poder existente no embate entre os grupos que defenderam posições opostas. Foi uma negociação entre desiguais, na qual um dos lados impôs seus interesses, vontades e visões usando inúmeros meios, do convencimento à força.

A luta contra a obra da transposição trouxe à cena a fricção entre duas realidades que se entrecruzam, mas, permanecem apartadas entre si. Mundos desiguais. Um deles imagina que venceu ao deixar uma marca de devastação e passar por cima de tudo que era valioso e sagrado para os derrotados, aqueles que não entendem o rio como um mero recurso hídrico. Para os perdedores, o rio é um ser vivo, um mundo que guarda mistérios, o rio é sagrado. Não são apenas os povos tradicionais, ecologistas, acadêmicos que lutaram contra o projeto que percebem o rio como mais que um mero recurso hídrico. Neste embate se confrontaram diferentes Éticas do Ambiente.

Os incautos poderiam entender o conflito como expressão do passado rural e pré-moderno contra ao processo de modernização. Contudo, essa é uma falsa percepção, a resistência não é expressão de um mundo agrário estagnado contra os avanços da modernidade industrial no campo. Desde a Rio 92, cobra-se de países como o Brasil, a conservação dos 'recursos naturais': mangues, bacias, rios, mares, florestas, campos que cumprem a função homeostática de manter o equilíbrio planetário dentro de padrões aceitáveis à vida na Terra.

A inclusão do Brasil no clube dos países 'civilizados/ricos' passaria pela conservação do que restou da exuberante natureza encontrada pelos colonizadores. Ironicamente, é preciso resgatar a natureza que insistiram em destruir para erguer uma civilização. Agora, ela é o preço a pagar pelo ingresso no clube dos países afortunados deste modelo de civilização.

A obra da transposição teve início em 2007, desde então, três governos se sucederam, sem que houvesse mudança no projeto ou na sua lógica. Até mesmo porque seria quase impraticável reverter o estrago causado, mas seria possível minimizar os efeitos negativos sobre o ambiente e as populações atingidas. Porém, não se vislumbra a chance de isto vir a acontecer, considerando que a prioridade dos sucessivos governos continua sendo: tudo para o agronegócio, meio ambiente é um entrave!

Viveiros de Castro e Lúcia de Andrade afirmam que “numa perversão característica do discurso dos planejadores governamentais, os índios são um ‘problema ambiental’ para as grandes obras de engenharia” (1988. p. 7).

De acordo com o conceito de acumulação por desapropriação, Harvey (2004) afirma que a expansão do capitalismo global coloca o Estado com papel de destaque na economia. Na América Latina, esse processo intensificou a comodificação da natureza e a degradação ambiental. Os ecologistas, os pensadores críticos do crescimento ilimitado (ÁRIES, 2005; BESSON-GIRAD, 2005; BOCCATO-FRANCO, 2012, 2013; DALY, 1996; GEORGESCU-ROEGEN, 1975; LATOUCHE, 2009), diriam que o problema não se limita à expansão do capitalismo, mas à inviabilidade do crescimento ilimitado no qual se assenta a sociedade industrial, capitalista ou não.

Para Eduardo Gudynas, a progressiva dependência da região dos recursos naturais não resolve as desigualdades estruturais, mas meramente compensa os efeitos negativos da comodificação da natureza, enquanto, simultaneamente, marginaliza politicamente os grupos diretamente afetados por esse processo, particularmente, os povos indígenas. (GUDYNAS, 2012, apud RIETHOF, 2016, p.4.) (Tradução nossa)

Comodificar a natureza é uma estratégia insustentável, não importa qual o matiz ideológico, porque coloca-se contra as minorias atingidas, sempre vulneráveis, que atrapalham os projetos gestados em gabinetes climatizados. É uma prática que viola a floresta, enquanto os rios e os direitos escorrem na mesma enxurrada da vilania, até desaparecerem...

Isso aconteceu na transposição em território Truká, onde relacionam o ambiente ao universo religioso, como demonstramos e, também ocorre com outros povos. As intervenções do Estados, a implantação de megaprojetos de desenvolvimento regional justifica-se por discursos tecnicistas e são alardeados como a “salvação” da região (RIBEIRO, 1999).

Além dos índios e quilombolas, outras comunidades tradicionais têm seus direitos anulados quando tentam sobreviver aos projetos desenvolvimentistas que impedem seu estilo de vida, eliminam seu território e anulam sua existência. Mas elas resistiram e seguem resistindo.

REFERÊNCIAS

ÁRIES, Paul. *Décroissance ou barbarie*, Paris: Editions Golias. 2005.

AZEVEDO, Luiz G. T. et.al. *Transferência de Águas entre Bacias Hidrográficas*. Brasília: Banco Mundial. 2005.

BAINES, Stephen G. *Grandes Projetos, os territórios de povos indígenas e outras comunidades tradicionais*. 41º Encontro Anual da Anpocs, Caxambu. 2017.

BATISTA, Mércia R. R. *Descobrir e recebendo heranças: as lideranças Truká*. Tese (Doutorado em Antropologia) – PPGA, Museu Nacional, UFRJ, 2005.

- BESSON-GIRAD, Jean-Claude. *Decrescendo Cantabile: Petit Manuel pour une décroissance harmonique*, Lyon: Paragon. 2005.
- BOCCATO-FRANCO, A. 'O decrescimento no Brasil'. In: LÉNA, P.; Nascimento, E. P. do (Eds.). *Enfrentando os limites do crescimento: sustentabilidade, decrescimento e prosperidade*, Rio de Janeiro, Garamond, 2012.
- DALY, Herman E. *Beyond Growth: The Economics of Sustainable Development*, Boston: Beacon Press. 1996.
- GLASS, V. Entidades repudiam declaração de Lula sobre povos tradicionais. *Carta Maior*, 24 de novembro de 2006.
- GEORGESCU-ROEGEN, Nicholas. *La décroissance: Entropie – Écologie – Économie*, Paris: Éditions Sang de la terre. 1975.
- HARVEY, David. 'The "New" Imperialism: Accumulation by Dispossession', *Socialist Register*. P.75. 2004.
- LATOUCHE, S. *Pequeno Tratado do Decrescimento Sereno*, São Paulo, WMF Martins Fontes. 2009.
- LISBOA, Apolo H. In: Garcia, Loreley & Wanderley, Mayrinne M. *From the Enchanted Waters to the Waters of Illusion*. Global South Press: Rockville. 2017.
- OPIT No Reino da Assunção, reina Truká. Organização das Professoras Truká. Belo Horizonte: FALE/UFMG, SECAD/MEC. 2007.
- REIS, Maria J. *O Movimento dos Atingidos por Barragens: atores, estratégias de luta e conquistas*. Anais do II Seminário Nacional Movimentos Sociais. UFSC, Florianópolis. 2007.
- RIBEIRO, Gustavo L. *Capitalismo transnacional y política hidroenergética en la Argentina. La represa de Yacyretá*. Posadas: Editorial Universitária de Misiones. 1999.
- RIETHOF, Marieke. *The international human rights discourse as a strategic focus in socio-environmental conflicts: the case of hydro-electric dams in Brazil*, *The International Journal of Human Rights*. 2016.
- SCHERER-WARREN, Ilse; REIS, Maria J. *As barragens do Uruguai: dinâmica de um movimento social*. *Boletim de Ciências Sociais*, n. 42. Florianópolis. 1986.
- SIGAUD, Lígia. *O efeito de tecnologias sobre as comunidades rurais: o caso das grandes barragens*. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, n. 18, 1992.
- TRANSPOSIÇÃO: *Águas da Ilusão*. *Revista Transposição*, 2007.
- VIVEIROS de Castro, Eduardo; ANDRADE, Lúcia M. M. *Hidrelétricas do Xingu: o estado contra as sociedades indígenas*. In: SANTOS, Leinad & ANDRADE, Lúcia M. (Orgs.) *As hidrelétricas do Xingu e os povos indígenas*. São Paulo, Comissão Pró-Índio de São Paulo, p. 7-23.1988.

SOBRE OS ORGANIZADORES

SILVIA INÉS DEL VALLE NAVARRO: Profesora y Licenciada en Física, Doctora en Ciencias Física. Directora del Departamento de Física de la Facultad de Ciencias Exactas y Naturales de la Universidad Nacional de Catamarca, Argentina. Editora de la Revista Electrónica “Aportes Científicos en PHYMATH” – Facultad de Ciencias Exacta y Naturales. Profesora Titular Concursada, a cargo de las asignaturas Métodos Matemáticos perteneciente a las carreras de Física, y Física Biológica perteneciente a las carreras de Ciencias Biológicas. Docente Investigadora en Física Aplicada, Biofísica, Socioepistemología y Educación, dirigiendo Proyectos de Investigación de la Secretaría de Ciencia y Tecnología de la Universidad Nacional de Catamarca con publicaciones científicas dentro del área Multidisciplinaria relacionado a fenómenos físicos-biológicos cuyos resultados son analizados a través del desarrollo de Modelos Matemáticos con sus simulaciones dentro de la Dinámica de Sistemas. Participación en disímiles eventos científicos donde se presentan los resultados de las investigaciones. Autora del libro “Agrotóxicos y Aprendizaje: Análisis de los resultados del proceso de aprendizaje mediante un modelo matemático” (2012), España: Editorial Académica Española. Coautora del libro “Ecuaciones en Diferencias con aplicaciones a Modelos en Dinámica de Sistemas” (2005), Catamarca-Argentina: Editorial Sarquís. Miembro de la Comisión Directiva de la Asociación de Profesores de Física de la Argentina (A.P.F.A.) y Secretaria Provincial de dicha Asociación.

GUSTAVO ADOLFO JUAREZ: Profesor y Licenciado en Matemática, Candidato a Doctor en Ciencias Humanas. Profesor Titular Concursado, desempeñándose en las asignaturas Matemática Aplicada y Modelos Matemáticos perteneciente a las carreras de Matemática. Docente Investigador en Matemática Aplicada, Biomatemática, Modelado Matemático, Etnomatemática y Educación, dirigiendo Proyectos de Investigación de la Secretaría de Ciencia y Tecnología de la Universidad Nacional de Catamarca con publicaciones científicas dentro del área Multidisciplinaria relacionado a Educación Matemática desde la Socioepistemología cuyos resultados son analizados a través del desarrollo de Modelos Matemáticos con sus simulaciones dentro de la Dinámica de Sistemas y de la Matemática Discreta. Autor del libro “Ecuaciones en Diferencias con aplicaciones a Modelos en Dinámica de Sistemas” (2005), Catamarca-Argentina: Editorial Sarquís. Coautor del libro “Agrotóxicos y Aprendizaje: Análisis de los resultados del proceso de aprendizaje mediante un modelo matemático” (2012), España: Editorial Académica Española. Desarrollo de Software libre de Ecuaciones en Diferencias, que permite analizar y validar los distintos Modelos Matemáticos referentes a problemas planteados de índole multidisciplinarios. Ex Secretario Provincial de la Unión Matemática Argentina (U.M.A) y se participa en diversos eventos científicos exponiendo los resultados obtenidos en las investigaciones.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Actitudes 217, 218, 219, 220, 226, 227, 249

Agricultura familiar 79, 80, 82, 83, 84, 88, 89, 209

Arabia Saudí 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239

Artefactos 252, 254, 258

Artefactos calentados 252

C

Caçara 173, 174, 175, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 186, 188

Canção 173, 185

Características da Tarefa 260, 261, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 273, 274, 275, 277

Ciudad neoliberal 158, 161, 169, 170, 171

Comunitario 75, 183, 189, 194, 195

Condiciones de producción 18, 20, 22, 26, 28, 92

Condominio 57, 59, 60, 70, 71, 72, 73, 74, 75

Conflicto socioambiental 90, 96

Conservadores 234, 241, 242, 244, 245, 246, 247, 248, 249

Cuestión agraria 30, 32, 34, 39, 55

Cultivos 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 13, 14, 15, 19, 20, 22, 26, 44, 50, 52, 62, 127

D

Datación 251, 252, 253, 254, 257, 258

Desarrollo 3, 4, 15, 17, 18, 19, 27, 30, 31, 32, 33, 34, 37, 38, 46, 49, 54, 55, 56, 57, 59, 60, 69, 71, 72, 73, 75, 76, 77, 96, 102, 103, 105, 106, 108, 109, 115, 116, 118, 119, 120, 121, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 136, 137, 160, 161, 218, 219, 221, 222, 223, 225, 226, 247

Desarrollo rural 30, 31, 56, 77, 124

Desenho do trabalho 261, 263, 275, 278

Distrito Industrial 138, 139, 141, 142, 143, 147, 148, 149, 154, 155, 156

E

Economía agrícola 30, 31

Educación Ambiental 172, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 225, 226, 227

Energía solar 105, 108, 109

Espacio público 158, 160, 161, 163, 164, 165, 166, 169, 170

Estancieros 57, 75

Extractivismo 18, 19, 28, 72, 90

Extractivismo sojero 18

F

Fatores Locacionais 138

Frente Popular 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249

Fuentes renovables de energía 104, 105, 106, 107, 110, 114, 116

Fuerzas productivas 18, 19, 20, 55

G

Generación distribuida 105, 112, 115

Geografía urbana 158, 159, 161, 166, 170

Gestión energética sostenible 105

Gestores 63, 79, 80, 107, 171, 172, 260, 261, 262, 263, 266, 267, 269, 270, 273, 274, 275, 276, 277, 278

H

História 16, 17, 57, 59, 65, 75, 76, 77, 101, 103, 119, 129, 173, 175, 176, 177, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 191, 193, 195, 198, 199, 203, 206, 208, 211, 228, 241, 242, 249, 250, 258

Historia de Chile 241

Historia Local 241, 242, 250

I

Impacto ecológico 201

Ingeniería genética 18, 19, 25

Instituições 79, 84, 85, 86, 87, 88, 174

Irán 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240

L

Liberación 98, 189, 191, 232

M

Mata atlântica 173, 174, 185, 187

Medio ambiente 13, 15, 20, 58, 76, 97, 105, 107, 123, 128, 129, 131, 136, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227

N

Nossa Senhora do Socorro 138, 139, 143, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157

Nueva agricultura 1, 11, 12, 15

O

Ordenamiento Territorial Urbano 117

Organización 34, 37, 38, 39, 43, 47, 49, 50, 52, 53, 56, 62, 66, 72, 76, 93, 101, 106, 109, 119, 120, 121, 122, 123, 126, 130, 162, 166, 189, 192, 195, 230, 232

Oriente Medio 228, 230, 231, 234, 238, 239

OSL 252, 255, 257, 258

P

Paraguay 18, 19, 20, 23, 27, 29

Participación 34, 36, 44, 59, 99, 119, 121, 125, 126, 129, 160, 162, 165, 172, 193, 194, 217, 226

Patrimonio biocultural 90, 91, 93, 94, 95, 99, 100, 101, 102, 103

Plan Estratégico 117, 124, 129, 131, 132, 135, 162, 163, 172

Poderes públicos 117, 118, 163, 170

Política Pública 79, 86, 126, 146

Políticas Públicas de Desenvolvimento Regional 138, 139

Povo Truká 201, 208, 209, 210, 211

Primavera Árabe 228, 229, 234, 235, 238, 240

Projeto de Transposição 201, 210

Proprietarios 21, 24, 32, 36, 49, 50, 57, 59, 66, 68, 70, 73, 75, 91

R

Reforma agraria 30, 31, 32, 33, 37, 48, 49, 50, 51, 54, 55, 56, 57, 68, 70, 73, 74, 76, 82, 88, 91

Regadíos 1, 3, 8, 17

Rio São Francisco 201, 203, 204, 208, 212, 213

S

Seguridad/inseguridad urbana 158

Siria 228, 229, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239

Sostenibilidad 1, 15, 16, 17, 22, 106, 107, 115, 220, 226

Superficie agraria 1

T

Territorio 4, 8, 19, 54, 70, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 101, 102, 104, 105, 106, 107, 109, 110, 111, 115, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 126, 128, 129, 131, 132, 134, 135, 136, 141, 146, 147, 154, 162, 165, 170, 174, 177, 180, 181, 182, 183, 187, 189, 190, 194, 195, 198, 210, 215, 233, 237, 258

U

Universitarios 217, 221, 226, 227

V

Verdad 189, 191, 193, 196, 198

Violação de direitos 201

W

Wirikuta 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 100, 101, 102, 103

X

Xochicalco 90, 91, 93, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102



**EDITORA
ARTEMIS**